

Limitações ao Processo de Autofinanciamento do Capital de Giro em Cooperativas Agropecuárias: Aplicações do Modelo Dinâmico de Análise Financeira

*Régio Marcio Toesca Gimenes e Fátima Maria Pegorini Gimenes**

1 – INTRODUÇÃO

A evolução da economia mundial tem se caracterizado pela gradual abertura das economias nacionais ao comércio internacional. Esse processo, que hoje se denomina “globalização”, consiste na exposição crescente dos agentes econômicos domésticos à concorrência mundial.

Segundo Silber (1997, p. 24):

A globalização caminhou basicamente por três rotas: a primeira pela crescente abertura do mercado mundial às exportações e importações (hoje em dia as transações comerciais representam 20% do PIB mundial); a segunda, pela rápida expansão do mercado financeiro internacional na esteira da desregulamentação e da revolução tecnológica representada pelas tecnologias de informação e; finalmente, pela internacionalização das decisões de produção, investimento e de tecnologia, com a ampliação da presença das empresas multinacionais no mercado mundial.

Este novo ambiente de negócios conduz os dirigentes cooperativistas a um momento de reflexão, se por um lado apresentam-se desafios e oportunidades, por outro, o estímulo à cultura da competição nas sociedades contemporâneas representa uma ameaça ao modelo atual de gestão cooperativista.

As cooperativas vivem em constante tensão entre os princípios da cooperação e as necessidades impostas pela competição. Esta situação e problemas relativos à profissionalização da gestão em algumas cooperativas têm produzido certo desgaste do sistema na opinião pública e no sistema financeiro, com reflexos no seu pro-

* Régio Marcio Toesca Gimenes é pós-doutorando em Finanças pela FEA/USP e professor doutor da Universidade Paranaense – UNIPAR, e-mail toesca@unipar.br. Fátima Maria Pegorini Gimenes é professora doutora da Universidade Paranaense – UNIPAR.

cesso de investimento, restando às sociedades cooperativas a capitalização própria via associados, ou pelo endividamento.

As dificuldades de capitalização, bem como a intensificação da concorrência entre países e blocos econômicos, fazem com que a sobrevivência fique mais difícil para empresas menos eficientes e gestores despreparados. Para sobreviver e crescer, empresas cooperativas ou não, necessitam garantir um bom desempenho econômico por estratégias diferenciadoras e uma gestão mais eficaz de seus negócios, atuando com vantagem competitiva nos mercados globais.

Dentre as principais questões que estão sendo debatidas atualmente no movimento cooperativista, a mais importante, conflitiva e controvertida é a relativa ao financiamento das cooperativas agropecuárias.

Diante desta contextualização, este artigo identifica como as cooperativas agropecuárias paranaenses financiam suas necessidades líquidas de capital de giro, utilizando-se os conceitos apresentados pelo modelo desenvolvido por Michel Fleuriet (1980).

2. CARACTERIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS AGROPECUÁRIAS

A cooperativa agropecuária é um empreendimento diferente das sociedades de capital encontradas na economia e que visa lucros. Esta forma organizacional está baseada em princípios doutrinários oriundos dos socialistas utópicos e tem como ideário a igualdade, a solidariedade e a liberdade.

A empresa cooperativa difere da empresa de capital por ter uma relação diferente com os fatores de produção, capital e trabalho. O voto em uma cooperativa é proporcional ao trabalho – a cada homem um único voto – enquanto que, em uma empresa de capital, a decisão é proporcional ao número de ações, isto é, proporcional ao capital de cada investidor. A distribuição do resultado em uma cooperativa é proporcional à atividade de cada sócio, diferente do que ocorre em uma empresa de capital, cujo resultado é dividido proporcionalmente ao capital investido por cada proprietário.

Na cadeia de valor do *agribusiness* brasileiro, as cooperativas agropecuárias têm importante participação. De acordo com os da-

dos da Organização das Cooperativas Brasileiras (2003), existem no Brasil, 1.519 cooperativas que agregam 940.482 associados, geram 110.910 empregos e envolvem direta e indiretamente 6.308.356 pessoas. O cooperativismo agropecuário possui 600 indústrias e 300 unidades de beneficiamento, além de serem responsáveis por 62,19% da produção nacional de trigo, 44,19% da produção de cevada, 39,21% da produção de aveia, 40% da produção de açúcar, 32% da produção de álcool, 29,40% da produção de soja, 39,20% do leite sob inspeção federal, 31,52% da produção de suíno, 65% da produção de lã e 19,17% da produção vinícola.

3 – O MODELO FLEURIET

Em ambientes econômicos com alta turbulência é improvável que a análise financeira tradicional determine o equilíbrio financeiro das organizações com razoável precisão. Isto se dá, pelo fato, desta análise tratar as contas patrimoniais de forma estática, ao contrário da análise financeira proposta por Fleuriet (1980), que avalia de forma dinâmica os elementos patrimoniais de curto prazo, diferenciando-os dos modelos propostos pela análise financeira tradicional.

3.1 – Análise dinâmica do capital de giro

Segundo Marques e Braga (1995, p.50):

Em seus estudos sobre gestão financeira de empresas, Fleuriet descreveu um modelo de análise dinâmica da situação financeira das organizações, favorecido pela experiência francesa nessa área do conhecimento. Em seguida outros autores, tais como Brasil e Brasil (1993), Silva (1993) e Braga (1991), aprimoraram determinados aspectos do modelo original, inclusive no sentido de aplicá-lo a casos reais, bem como buscando divulgá-lo de uma maneira articulada.

Para utilizar o modelo dinâmico de análise financeira é necessário reclassificar as contas do balanço patrimonial em ativos e passivos circulantes e não-circulantes. O grupo dos ativos e passivos circulantes são classificados em operacionais (cíclicos) e financeiros (erráticos).

O grupo dos ativos não-circulantes é composto pelos ativos realizáveis a longo prazo e pelos ativos permanentes, enquanto o

grupo dos passivos não-circulantes é composto pelos passivos exigíveis a longo prazo, pelos resultados de exercícios futuros e pelo patrimônio líquido da empresa.

O ativo circulante operacional é o investimento que resulta das atividades operacionais da empresa, como compra, produção, estocagem e venda do produto, enquanto o passivo circulante operacional é a fonte denominada passivo de funcionamento, ou seja, a que decorre das atividades operacionais (MATARAZZO, 1998).

O ativo circulante financeiro representa as contas de natureza financeira como os valores disponíveis e as aplicações de recursos de curto prazo da organização, enquanto o passivo circulante financeiro compreende as fontes de financiamento representadas pelos empréstimos bancários, desconto de títulos e outras operações que não estão diretamente relacionadas com o ciclo operacional da empresa (PEREIRA, 1993).

Considerando essas definições, a análise envolve as seguintes variáveis:

3.1.1 NLCDG (Necessidade Líquida de Capital de Giro)

O valor da NLCDG revela o montante necessário de recursos para manter o giro dos negócios. As contas que compõem a necessidade líquida de capital de giro representam operações de curto prazo e de retornos rápidos, são totalmente diferentes das contas que compõem o ativo permanente, pois estas resultam de decisões de longo prazo com uma perspectiva bastante lenta para a recuperação do capital investido (SANTI FILHO; OLINQUEVITCH, 1995).

Alterações nas políticas de compras, estocagem e crédito podem produzir efeitos imediatos sobre o fluxo de caixa e na NLCDG. Quando o saldo desta variável for positivo, significa que as aplicações de capital de giro são superiores as fontes de capital de giro e a organização necessita de recursos para financiar sua atividade operacional. Por outro lado, quando o saldo for negativo significa que as fontes de capital de giro são superiores as aplicações de capital de giro e a organização não necessita de recursos para financiar suas atividades operacionais, dispõe inclusive de recursos para financiar aplicações de outra natureza.

A NLCDG pode ser mensurada pela seguinte fórmula:

$$\text{NLCDG} = \text{ACO} - \text{PCO}$$

Sendo:

NLCDG – Necessidade Líquida de Capital de Giro

ACO – Ativo Circulante Operacional

PCO – Passivo Circulante Operacional

3.1.2 – T (Tesouraria)

Esta variável identifica o grau de utilização de recursos de terceiros de curto prazo para financiar as necessidades líquidas de capital de giro da organização. Se o saldo for positivo significa que a organização possui uma folga financeira, ou seja, possui recursos financeiros aplicados no curto prazo, caso contrário, sendo o saldo negativo, significa que recursos financeiros de curto prazo estão financiando as atividades operacionais da organização.

Para Marques e Braga (1995, p.55):

O T pode sinalizar o grau de adequação da política financeira empregada pela administração. Quando positivo, indica disponibilidade de recursos para garantir a liquidez de curtíssimo prazo do empreendimento. Caso seja negativo, pode evidenciar dificuldades financeiras iminentes, em especial por ocasião da manutenção de saldos negativos sucessivos e crescentes. O acompanhamento da evolução do T no decorrer de exercícios sociais sucessivos, bem como das causas das eventuais alterações de tendências percebidas, representa o cerne do modelo.

Segundo Santi Filho e Olinquevitch (1995), o resultado da tesouraria deve ser analisado com cautela, ou seja, se existe folga financeira esta deve expressar um saldo de aplicações financeiras ou de outros ativos com elevada liquidez e adequada remuneração, o que não seria o mesmo para uma tesouraria positiva, só que formada por elevados saldos em contas obscuras como “outros créditos”, que poderiam esconder recursos que jamais serão realizados. Da mesma forma, uma tesouraria positiva com elevados saldos em disponibilidades também indica ineficiente gerência de recursos financeiros, uma vez que os mesmos poderiam estar aplicados nos demais ativos da empresa à busca de maior rentabilidade para o negócio.

A variável T – Tesouraria pode ser calculada pela fórmula:

$$T = ACF - PCF$$

Sendo:

T – Tesouraria

ACF – Ativo Circulante Financeiro

PCF – Passivo Circulante Financeiro

3.1.3 – LP (Longo Prazo)

Esta variável relaciona a conta exigível à longo prazo cuja presença na estrutura financeira da empresa revela a existência de fontes de recursos não exigíveis no próximo período anual e a conta realizável à longo prazo que representa os investimentos de lenta recuperação do capital.

A variável LP identifica a presença de fontes ou aplicações de recursos de longo prazo nas atividades da organização. Se o saldo for positivo significa que existem fontes de recursos de longo prazo financiando as atividades operacionais da organização, sendo negativo significa que existem aplicações de longo prazo exigindo recursos para financiá-las (SANTI FILHO; OLINQUEVITCH,1995).

A variável LP é mensurada pela fórmula:

$$LP = ELP - RLP$$

Sendo:

LP - Longo Prazo

ELP - Exigível a Longo Prazo

RLP - Realizável a Longo Prazo

3.1.4 – CDGP (Capital de Giro Próprio)

Esta variável determina o volume de recursos próprios (patrimônio líquido) disponível para realizar as aplicações nos ativos da organização. O capital de giro próprio depende do comportamento das contas patrimônio líquido e ativo permanente.

Dentre as atividades que reduzem o capital de giro próprio pode-se citar os prejuízos, as aquisições de ativos, os investimentos em outros negócios, os gastos pré-operacionais e a distribuição de lucros. As atividades que aumentam o capital de

giro próprio são os lucros, as vendas de bens do ativo permanente, a capitalização de recursos por parte dos cooperados e as contas retificativas de depreciação, amortização e exaustão.

Quando esta conta apresenta um saldo positivo significa que a organização financiou a totalidade do seu ativo permanente com recursos próprios e ainda dispõe de uma parcela destes recursos para financiar outras aplicações, caso contrário, quando o saldo é negativo, significa que o processo de imobilização da organização consumiu totalmente os recursos próprios e ainda necessitou de recursos de outra natureza para completar seu financiamento.

O capital de giro próprio pode ser calculado pela fórmula a seguir:

$$\text{CDGP} = \text{PL} - \text{AP}$$

Sendo:

CDG - Capital de Giro Próprio

PL - Patrimônio Líquido

AP - Ativo Permanente

3.1.5 – TSF (Termômetro da Situação Financeira)

Em um mercado em constante mutação, os ganhos obtidos pela economia de escala são necessários à manutenção e crescimento da empresa, para tanto é necessário antecipar investimentos, com a empresa alocando recursos antes de obter retorno. Quando o autofinanciamento não é suficiente para sincronizar as entradas e saídas de caixa, faz-se necessário buscar recursos externos, seja de origem própria, como o aumento do capital, ou de origem de terceiros, como os empréstimos bancários.

De acordo com Fleuriet (1980, p. 33):

De maneira geral, as operações financeiras vêm completar o autofinanciamento (recursos internos), para ocasionar a variação do capital de giro. Para garantir o equilíbrio financeiro, a empresa deve assegurar-se de que o aumento do capital de giro seja compatível com o aumento das necessidades de capital de giro, de tal forma que o saldo de tesouraria não se torne excessivamente negativo, o que poderá provocar a falência. Se o capital de giro aumenta pouco, ou mesmo diminui (porque, por exemplo, os investimentos são

excessivos em relação ao autofinanciamento), e se a necessidade de capital de giro aumenta muito (por causa da inflação ou de um forte crescimento de vendas), o saldo de tesouraria se deteriorará gravemente, pois a empresa deverá procurar créditos bancários a curto prazo. Caso ela encontre dificuldades em obtê-los, ver-se-á com sérios problemas financeiros.

A participação dos recursos de terceiros de curto prazo no financiamento das necessidades de capital de giro da empresa pode ser mensurada pelo índice TSF. A partir do índice pode-se avaliar a magnitude da tesouraria negativa em relação às necessidades de capital de giro e principalmente sua tendência ao longo do tempo, uma vez que a persistência deste tipo de financiamento pode conduzir a uma situação de completo desequilíbrio financeiro (SANTI FILHO; OLINQUEVITCH, 1995).

O Termômetro da Situação Financeira (TSF) pode ser calculado pela fórmula:

$$\text{TSF} = \frac{T}{\text{NLCDG}}$$

Sendo:

TSF - Termômetro da Situação Financeira

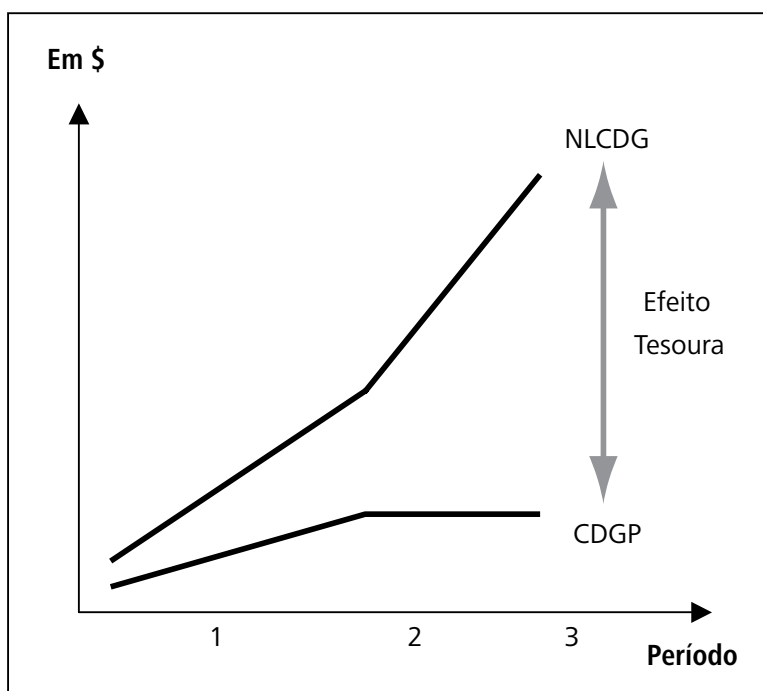
T - Tesouraria

NLCDG - Necessidade Líquida de Capital de Giro

Quando o saldo de tesouraria se torna negativo e assume uma tendência crescente, produzindo um hiato entre as curvas da NLCDG – Necessidade Líquida de Capital de Giro e do CDGP – Capital de Giro Próprio, diz-se que a empresa está em efeito tesoura, conforme demonstrado na Figura 1. Para Silva (1995, p. 365) as principais razões que levam uma empresa a entrar no chamado *efeito tesoura* são:

- a) Elevado ciclo financeiro;
- b) Excesso de imobilizações associadas à escassez de recursos próprios ou de terceiros de longo prazo;
- c) Prejuízos nas operações;
- d) A combinação das condições anteriores aumentando assim o hiato entre NLCDG e CDGP.

Figura 1 - Efeito tesoura



Fonte: Adaptado de Silva (2005).

O efeito tesoura pode ser o resultado de decisões empresariais que levam a empresa a operar um volume de negócios sem dispor de fontes de recursos suficientes para financiar o seu ciclo financeiro quando o mesmo é positivo. Esta situação também pode ser denominada *overtrading*.

Segundo Marques e Braga (1995, p. 60):

Em linhas gerais, o *overtrading* significa a realização de um nível de atividade operacional e volume de vendas acima da capacidade disponível de recursos, ou seja, a administração expande os níveis de atividade e vendas do negócio sem adequado suporte de recursos para o financiamento do capital de giro adicional requerido. A razão mais comum para essa situação reside na busca por economias de escala no processo de produção, viabilizadas pela existência de capacidade ociosa na empresa.

4 – A CAPITALIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS AGROPECUÁRIAS

Especificamente no caso das cooperativas agropecuárias, o fator capital é o maior problema. Inicialmente a capitalização se dá via admissão de associados, pela subscrição de quotas-partes de capital, geralmente proporcional à renda de cada cooperado, integralizado

no mesmo ano ou ao longo de determinado período. Uma outra forma utilizada pela empresa cooperativa é a captação de recursos próprios pela apropriação das sobras líquidas auferidas no exercício que não foram distribuídas aos associados por decisão da Assembleia Geral (LAUSCHNER,1984).

Gava (1972), analisando a estrutura patrimonial de cooperativas agropecuárias, concluiu que a formação de capital próprio (autofinanciamento) é o principal entrave ao desenvolvimento econômico e social das cooperativas. Dessa forma, a dependência de recursos externos é relevante fonte de financiamento para seu crescimento.

A estrutura de capital das empresas cooperativas apresenta algumas particularidades que não estão presentes em firmas de capital. As cooperativas são controladas pelos associados, que são os donos delas e recebem os benefícios gerados pelas cooperativas de acordo com a sua utilização.

Para Barton (1988), estes princípios básicos indicam diferenças na organização e em sua estrutura de propriedade e controle. Os direitos de propriedade nas cooperativas são definidos de forma igualitária, ou seja, pelo princípio de cada homem, um único voto, o que faz com que o processo decisório seja muito mais custoso do que em firmas de capital onde esse direito deriva da participação proporcional ao capital.

Fulton (1999) e Bialoskorski Neto (2003) afirmam que os direitos de propriedade, definidos como o direito e o poder de obter renda, consumir ou alienar determinado ativo em uma cooperativa, não estão separados do controle da organização, em que os associados não podem apropriar-se do lucro residual. Os autores acreditam que o futuro da organização cooperativa depende de uma nova arquitetura institucional que estabeleça uma diferente relação entre propriedade e controle, um maior incentivo à eficiência, o monitoramento das ações dos agentes e principais da relação contratual, relações contratuais mais estáveis e, finalmente, menores custos de coordenação, de transação e de governança corporativa.

Segundo Bialoskorski Neto (2002), a arquitetura organizacional desse novo tipo de cooperativa depende de alterações na le-

gislação cooperativista, pois dentre outras mudanças, exigiria, a existência de quotas-partes transferíveis no mercado, quotas-partes que sejam valorizadas durante o tempo de acordo com os padrões de mercado, membros definidos e acertados quanto ao número e à produção a ser processada, contrato de entrega de produção com padrões de qualidade e quantidade definidos e investimentos mínimos requeridos por parte de todos os associados. Estas características fazem com que as organizações tenham uma relação clara quanto aos direitos de propriedade do resultado da operação da empresa cooperativa, levando a menores oportunismos e maiores incentivos para que os associados alcancem a eficiência econômica e, ainda, maiores condições de monitoramento da organização.

Além da falta de flexibilidade em gerar ou captar recursos próprios, as cooperativas agropecuárias têm uma estrutura alavancada e de alto risco financeiro, devido à existência de ativos específicos, que perdem valor quando direcionados a outros usos, e da morosidade no processo decisório para efetuar adaptações na conduta dos seus projetos, devido às limitações impostas por decisões que, na maioria das vezes, é determinada em assembléias gerais (WILLIAMSON, 1988).

Segundo Bialoskorski Neto, Marques e Neves (1998), a sociedade cooperativa possui alta especificidade de ativos, altos custos de transação e altos custos de agenciamento entre os seus proprietários e gestores. Isto se deve à necessária estrutura de participação pelas assembléias gerais e aos altos custos de governança financeira que ocorrem em seu processo de capitalização. Todos estes fatores fazem com que a adaptação das sociedades cooperativas ao mercado seja lenta e de alto custo.

Parece claro que, em determinado momento, a sociedade cooperativa necessita de uma nova estrutura de capital, baseada em novos arranjos contratuais, especificamente no quesito remuneração do capital dos associados. Dessa forma, é possível que exista uma estrutura ótima de capital, mas ela é de difícil percepção pelos dirigentes da cooperativa, pois inúmeras variáveis determinam a eficiência econômica de uma organização, especialmente de uma cooperativa agropecuária (BIALOSKORSKI NETO, 1998).

Antes mesmo das questões de governança financeira, as cooperativas agropecuárias brasileiras têm enormes dificuldades em captar recursos de terceiros devido ao insucesso de várias cooperativas. A situação de insolvência sinaliza ao mercado que a sociedade cooperativa é um cliente com alto risco de crédito e conseqüentemente o agente financeiro irá cobrar pelos recursos uma taxa de juros mais alta, além de exigir um nível maior de garantias e, no limite, não emprestar os recursos (ZYLBERSZTAJN, 1999).

Parliament e Lerman (1993), analisando a estrutura de capital das cooperativas agropecuárias americanas, observaram que, quando as cooperativas crescem, há uma diminuição da proporção do capital próprio em relação ao capital de terceiros e uma maior dificuldade na relação com os agentes financeiros para contratar novos empréstimos.

A relação entre o tamanho da cooperativa e suas dificuldades financeiras foi comprovada também por Moller; Feathostone e Barton (1996), quando descobriram em investigação empírica, que nas cooperativas pequenas, a principal dificuldade são os baixos retornos dos seus ativos operacionais e, nas grandes, o alto nível de endividamento e as altas taxas de juros cobradas nos empréstimos bancários.

5 – METODOLOGIA

Esta pesquisa orienta-se pelos procedimentos metodológicos de uma pesquisa descritiva, cuja amostra é composta por 41 cooperativas agropecuárias localizadas no estado do Paraná, selecionadas de um universo de 52 cooperativas.

Os dados foram levantados a partir das demonstrações contábeis publicadas nos relatórios do conselho de administração do exercício fiscal de 2000. A análise foi desenvolvida através das seguintes etapas:

- a) Padronização das demonstrações;
- b) Cálculo dos índices;
- c) Ponderação das informações extraídas dos índices;
- d) Diagnóstico;
- e) Considerações.

As limitações da pesquisa foram concentradas nas dificuldades de obtenção dos demonstrativos contábeis das sociedades cooperativas, principalmente daquelas que apresentavam dificuldades em saldar seus compromissos financeiros.

6 – ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os dados levantados pela pesquisa foram organizados em tabelas onde se identifica a mediana e os respectivos decis. O papel da mediana ao dividir a série de dados em duas metades é possibilitar a comparação de um elemento do universo com os demais, a fim de conhecer a sua posição relativa, na ordem de grandeza do universo. Entretanto, a mediana isoladamente é insuficiente para comparações precisas, daí a necessidade de calcularem-se os decis, que distribui o universo em fatias, cada uma com 10% dos elementos do universo (MATARAZZO, 1995).

Na Tabela 1 apresentam-se os valores calculados dos índices Necessidade Líquida de Capital de Giro (NLCDG), Tesouraria (T), Longo Prazo (LP) e Capital de Giro Próprio (CDGP) para as cooperativas da amostra. Analisando-se os valores calculados, verifica-se que:

- Em 32 cooperativas, ou seja, 78% da amostra, o índice NLCDG apresentou um valor positivo, ou seja, as aplicações de capital de giro foram superiores as fontes de capital de giro, portanto a maior parte das cooperativas analisadas não conseguiu financiar suas atividades operacionais exclusivamente com recursos do passivo operacional ou cíclico. Em 9 cooperativas, ou seja, 22% da amostra, o índice NLCDG apresentou um valor negativo, sinalizando que as fontes de capital de giro foram superiores as aplicações de capital de giro. Neste caso, as cooperativas dispunham de recursos operacionais para financiar seus investimentos em capital de giro e ainda geraram recursos para financiar outras aplicações, como por exemplo, em ativos fixos;
- Para 33 cooperativas, ou seja, 80% da amostra, o índice T – Tesouraria apresentou um valor negativo. Este resultado indica que as cooperativas analisadas em sua maior

parte utilizaram recursos financeiros de curto prazo para financiar suas necessidades líquidas de capital de giro. Em 8 cooperativas, ou seja, 20% da amostra, o índice T – Tesouraria apresentou um valor positivo e isto demonstra que estas cooperativas possuíam aplicações no curto prazo, caracterizando uma situação de folga financeira;

- Em 25 cooperativas, ou seja, 61% da amostra, o índice LP apresentou um valor positivo. Isto significa que a maior parte das cooperativas possuía fontes de recursos de terceiros de longo prazo (exigível) financiando as suas atividades operacionais. Em 10 cooperativas, ou seja, 24% da amostra, o índice LP apresentou um valor negativo, sinalizando que para estas cooperativas existiam aplicações no realizável a longo prazo exigindo financiamento. As demais cooperativas da amostra não apresentaram em seus balanços patrimoniais as contas do ativo realizável a longo prazo e do exigível a longo prazo, portanto o resultado do índice LP neste caso foi nulo;
- Para 18 cooperativas, ou seja, 44% da amostra, o índice CDGP apresentou um valor negativo, ou seja, estas cooperativas não possuíam capital de giro próprio para financiar suas atividades operacionais. Para 23 cooperativas, ou seja, 56% da amostra, este índice apresentou um valor positivo, revelando a existência de capital de giro próprio no financiamento das operações.

Tabela 1 - Financiamento das Necessidades de Capital de Giro

(Em milhares de R\$)

COOP.	NLCDG	T	LP	CDGP
1	6.528	-2.373	-1.173	5.328
2	2.713	-664	1.275	774
3	9.749	-8.366	-6.537	7.920
4	196	75	180	91
5	23.449	-15.449	2.387	5.613
6	197.970	27.536	48.110	177.396
7	59.168	-36.597	25.396	-2.825
8	11.363	-10.487	5.063	-4.187

Tabela 1 - Financiamento das
Necessidades de Capital de Giro (continuação)

(Em milhares de R\$)

COOP.	NLCDG	T	LP	CDGP
9	-213	-117	0	-330
10	21.996	-22.236	-2.832	2.592
11	15.335	-4.021	8.819	2.495
12	173	-175	0	-2
13	5.865	-3.141	16	2.708
14	7.240	-1.159	5.022	1.059
15	3.594	2.344	488	5.450
16	4.235	-3.378	1.740	-883
17	607	127	-12	746
18	7.619	-2.495	4.660	464
19	31.013	-24.322	3.425	3.266
20	14.680	-16.250	1.326	-2.896
21	-401	-984	3.742	-5.127
22	26.358	-15.912	10.420	26
23	-19	17	0	-2
24	-2.707	-5.099	7.918	-15.724
25	8.390	-7.593	7.970	-7.173
26	8.982	-16.766	43.942	-51.726
27	518	-33	-8	493
28	3.603	-4.821	-1.206	-12
39	27	-104	0	-77
30	35.234	-32.563	2.371	300
31	1.979	-650	489	840
32	-1.203	-196	-427	-972
33	32.435	-77.421	-6.637	-38.349
34	145	20	0	165
35	80	82	0	162
36	-376	-1.458	7.756	-9.590
37	-169	764	63	532
38	-1.030	-7.609	-7.304	-1.335
39	68	-4	-56	120
40	89.111	-62.624	19.596	6.891
41	-5.267	-4.305	16.571	-26.143

Fonte: Elaboração própria.

Para melhor posicionar as cooperativas analisadas em relação ao índice Termômetro da Situação Financeira (TSF), optou-se pela construção dos denominados índices-padrão, conforme os valores apresentados na Tabela 2.

Limitações ao
Processo de
Autofinanciamento
do Capital de Giro
em Cooperativas
Agropecuárias:
Aplicações do
Modelo Dinâmico
de Análise
Financeira

Tabela 2 - Termômetro da Situação Financeira

Índice	1 Decil	2 Decil	3 Decil	4 Decil	5 Decil	6 Decil	7 Decil	8 Decil	9 Decil
TSF	-122,00	-96,76	-88,16	-74,35	-60,37	-32,80	-20,24	3,95	83,86

Fonte: elaboração própria.

O cálculo do padrão, através da mediana, revelou que 50% das cooperativas financiaram suas necessidades líquidas de capital de giro com recursos de terceiros de curto prazo (tesouraria negativa), na proporção equivalente a 60,37% das suas necessidades. Apenas 30% das cooperativas apresentaram tesouraria positiva, sendo que para 10% destas últimas a margem positiva foi pouco expressiva (3,95 %).

Em termos gerais, na conjuntura econômica atual, são conhecidas as dificuldades que atravessam as empresas para a formação de um capital condizente com o volume de operações que elas pretendem realizar.

O cooperativismo não foge à regra. Para financiar seu crescimento, as cooperativas agropecuárias podem financiar suas atividades com dois tipos de fontes de recursos: capitais próprios e capitais de terceiros. Por esta razão, é necessário um equilíbrio entre estas fontes, de modo que a empresa possa desenvolver suas atividades sem colocar em risco a sua autonomia financeira.

Pelas informações extraídas dos índices financeiros calculados, observa-se que este equilíbrio não foi alcançado. A maior parte das cooperativas agropecuárias selecionadas pela amostra, não foi capaz de, preferencialmente, financiar suas necessidades líquidas de capital de giro com recursos próprios, ou seja, pelo autofinanciamento. Foi utilizada em maior proporção, fontes de recursos de terceiros de curto prazo, geralmente de maior custo e de menor prazo.

7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, procurou-se abordar o tema em estudo de forma a responder o problema de pesquisa proposto. No que tange à questão principal do estudo, qual seja, o financiamento das necessidades líquidas de capital de giro das cooperativas agropecuárias paranaenses, constatou-se um elevado índice de recursos de terceiros, principalmente os de curto prazo, em sua estrutura de capital.

O endividamento associado à baixa capacidade de cobertura dos encargos financeiros pelas sobras operacionais produziu na maior parte das cooperativas pesquisadas um grave desequilíbrio financeiro, verificado pelas baixas margens de retorno do capital investido pelos associados.

Se por um lado não há dúvida quanto à importância do cooperativismo agropecuário para o desenvolvimento econômico nacional, por outro, constata-se uma absoluta falta de orientação ao setor no que se refere a novas alternativas de capitalização e financiamento para o setor, destacando-se aqui, as experiências internacionais, como a captação de recursos pela abertura direta do seu capital.

Como contribuição a futuras linhas de investigação, levanta-se a seguinte questão: A cooperativa agropecuária tem, no autofinanciamento, os recursos necessários para financiar um crescimento sustentado a longo prazo? Esta forma de capitalização é capaz de definir uma estrutura de capital que garanta o desempenho econômico e social da sociedade?

REFERÊNCIAS

- BARTON, D. & ROYCE, L. SCHIMDT. An evaluation of equity redemption alternatives in centralized cooperatives. *Journal of Agricultural Cooperation*, 1988. p. 39-57.
- BIALOSKORSKI NETO, S. Governança e perspectivas do cooperativismo. *I Workshop Internacional de Tendências do Cooperativismo*, PENSA/FUNDACE/FEARP-USP, p. 17-35, 1998.
- _____. Cooperativas: Um Ensaio Sobre Eficiência Econômica, Contratos e Fidelidade. In: III Workshop Internacional de Tendências do Cooperativismo, 2002, Ribeirão Preto, SP, BR. Anais do III Workshop Internacional de Tendências do Cooperativismo. Ribeirão Preto, SP, BR, 2002. p.7-20.
- _____. Corporate governance and the role of the managers in Brazilian cooperatives. In: International Center of Research and Information on the Public, Social and Cooperative Economy, 2003, Oxford, Inglaterra. International Center of Research and

- Information on the Public , Social and Cooperative Economy. Oxford, Inglaterra, 2003.
- BIALOSKORSKI NETO, S.; MARQUES, P. V.; NEVES, E. M. *Agribusiness cooperativo, eficiência e princípios doutrinários*. Piracicaba: ESALQ/USP, 1998.
- FULTON, M. E. The future of canadian agricultural cooperatives: a property rights approach. *American Journal of Agricultural Economics*, v. 77, p. 1144 -1152, 1999.
- FLEURIET, M.; KEHDY, R. & BLANC, G. *A dinâmica financeira das empresas brasileiras*. Belo Horizonte. Fundação Dom Cabral, 1980.
- GAVA, E. *Análise da administração de cooperativas agrícolas e sua influência na formação de capital, Estado do Espírito Santo*. (Mestrado em Economia Aplicada – Universidade Federal de Viçosa) Viçosa, 1972.
- LAUSCHNER, R. Agroindústria cooperativa. In: PINHO, D. B. org. *Tipologia cooperativa – manual de cooperativismo*. São Paulo: CNPQ, v. 4, p. 76-84, 1984.
- MARQUES, J. A. V. C.; BRAGA, R. Análise dinâmica do capital de giro – o modelo Fleuriet. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 35, n.3, p. 49-63, 1995.
- MATARAZZO, D. C. *Análise financeira de balanços: abordagem básica e gerencial (contém disquete)*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1995.
- MOLLER, L. G.; FEATHERSTONE, A. M.; BARTON, D. G. Sources of financial stress in agricultural cooperatives. *Journal of Cooperatives*, v. 11, p. 38-50, 1996.
- ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS – OCB. *Números do cooperativismo brasileiro*. Brasília: Departamento Técnico e Econômico, Banco de Dados. v. 2, p. 90-95, 2003.
- PARLIAMENT, C. LERMAN, Z. Risk and equity in agricultural cooperatives. *Journal of agricultural cooperation*, v. 8, p. 1-14, 1993.

- PEREIRA, A. C. *Contribuição à análise e estruturação das demonstrações financeiras das sociedades cooperativas brasileiras – ensaio de abordagem social*. São Paulo: USP, (Tese de Doutorado em Contabilidade). 1993.
- SANTI FILHO, A.; OLINQUEVITCH, J. L. *Análise de balanços para controle gerencial*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1995.
- SILBER, S. D. *Cenário da economia mundial e perspectivas da economia brasileira*. XI Congresso Brasileiro de Cooperativismo. Brasília,. p. 23-36, novembro de 1997.
- SILVA, J. P. *Análise financeira das empresas*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.
- WILLIAMSON, O. E. Corporate finance and corporate governance. *The Journal of Finance*, v. 43, n.º 3, p. 559-567, 1988.
- ZYLBERSZTAJN, D. *Empresas cooperativas: reestruturação e sobrevivência*. Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade e Fundação Instituto de Administração, Relatório de pesquisa CNPq, 1999.